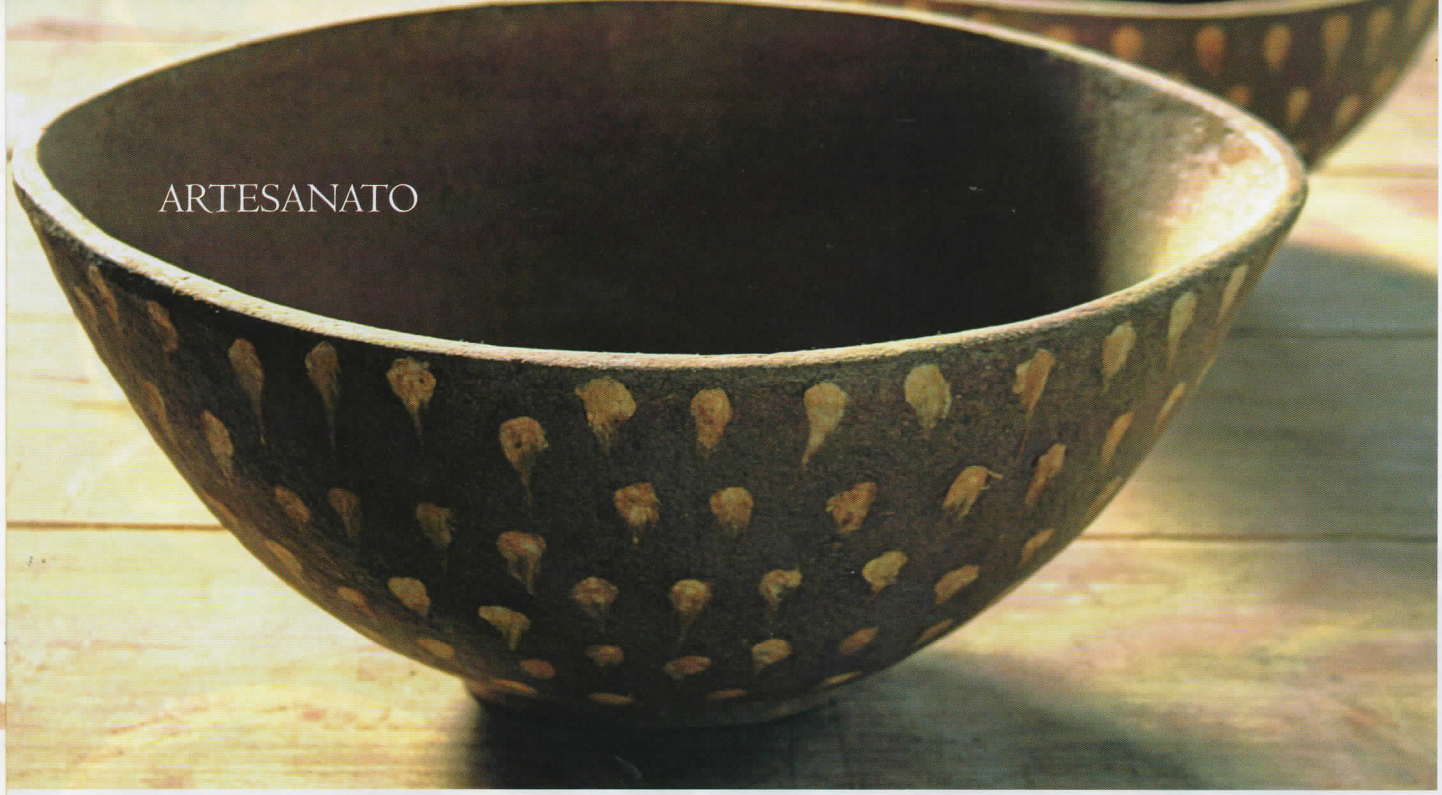
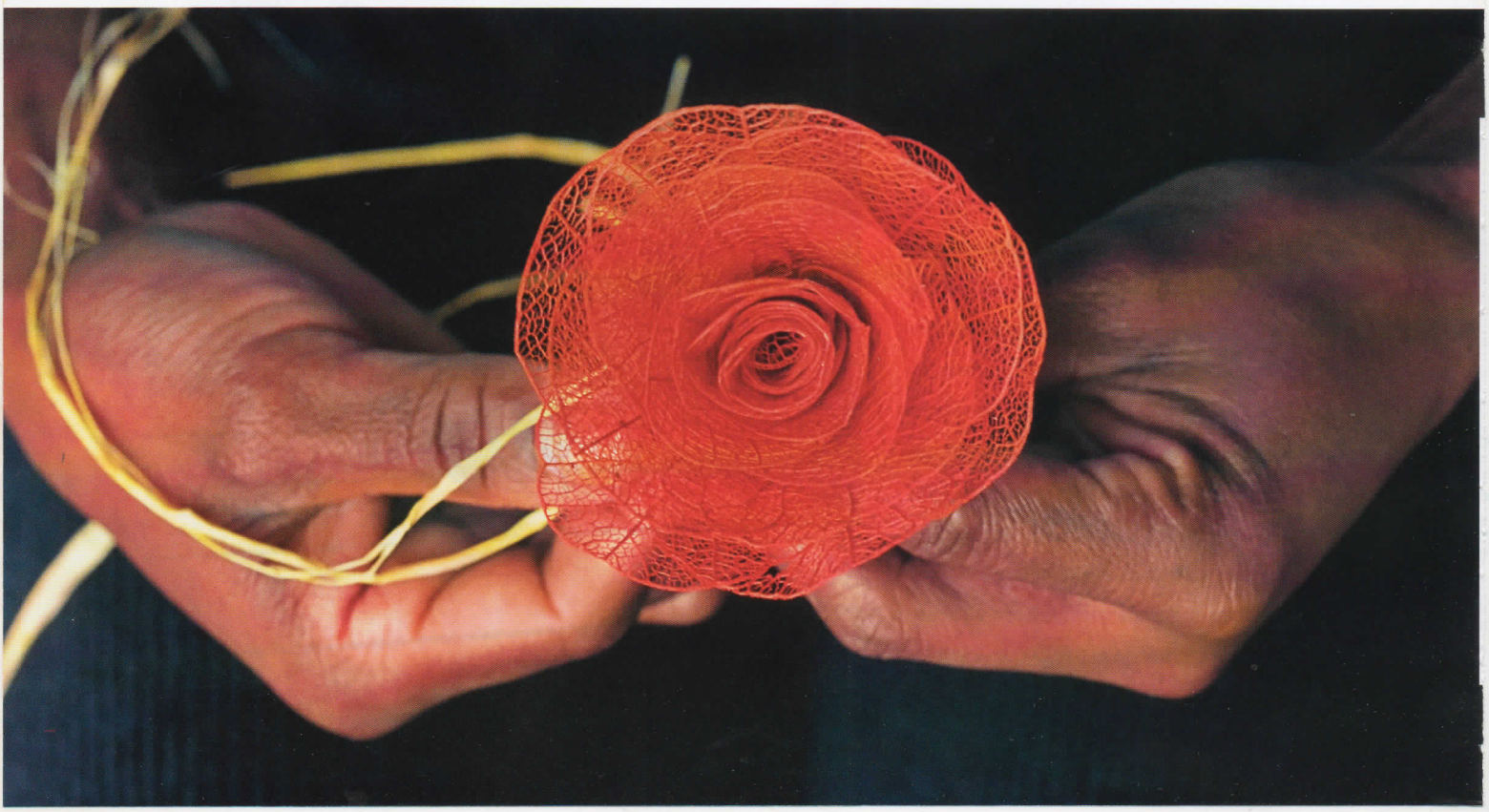


Dimensão simbólica do consumo

Em tom humanista, livro de Adélia Borges mostra a revitalização do artesanato no Brasil

Texto ALESSANDRA SIMÕES



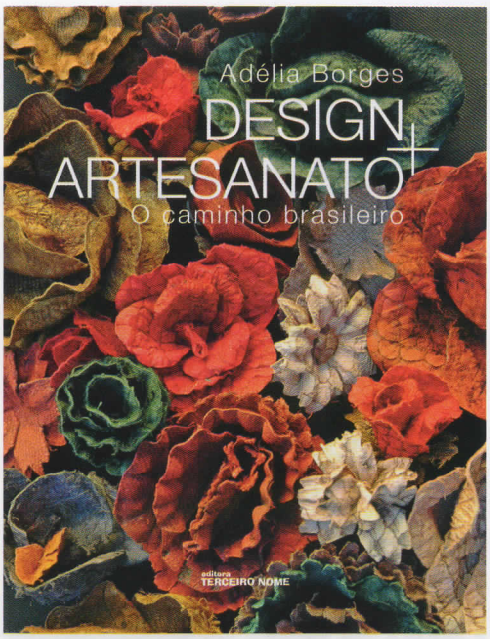
Acima, retalhos de chita tecidos no tear manual, no povoado de Muquém, em Minas Gerais. **Na página ao lado**, objeto feito de massa de papelão reciclado e fibra de bananeira pelo grupo Gente de Fibra. **Embaixo**, folhas do cerrado desidratadas que compõem adornos, confeccionadas pelo Grupo Arteflora

Imagens do livro *Design+ Artesanato – O Caminho Brasileiro*

A jornalista e curadora Adélia Borges acaba de lançar uma obra definitiva sobre a cultura popular. Trata-se do livro *Design + Artesanato – O Caminho Brasileiro* (Editora Terceiro Nome, 240 págs.), recheado de imagens e com exímio acabamento gráfico. O livro apresenta uma radiografia da crescente valorização do artesanato no Brasil e, para além de modismos, desvela aspectos inusitados. Segundo Adélia, a revitalização do objeto feito manualmente está ancorada no resgate de valores aparentemente distantes do universo do consumo: o calor humano, a singularidade e o sentido de pertencimento.

Uma ideia primordial perpassa todo o livro: a de que pensamento criativo e inteligência de projeto não são privilégios de pessoas formadas em universidades. A cultura popular é, acima de tudo, um saber, um patrimônio primoroso. Mas, atenção, Adélia fala de um artesanato de qualidade, que nada tem a ver com produtos mais banalizados, comuns em feirinhas turísticas. Interessa à autora a união entre ética e estética, como se pode atestar nas cerâmicas com motivos rupestres no Piauí, nas cuias feitas com papelão reciclado e fibra de bananeira em Minas Gerais, nos tecidos tingidos com urucum no Amazonas, nas flores feitas de couro de peixe no Mato Grosso do Sul e na cestaria de capim dourado no Tocantins. ▶

Acima, a luminária Capello, criada e produzida pelas *designers* Tina Moura e Lui Lo Pumo: a parte de palha é comprada de artesãs da Serra Gaúcha. **Abaixo**, colar de borracha produzido na cidade de Manicoré, no Amazonas



Acima, o livro *Design + Artesanato – O Caminho Brasileiro*. **Abaixo**, barco de miriti, produzido em Abaetuba, no Pará, e a poltrona Multidão, de Fernando e Humberto Campana: a peça é coberta com bonecas confeccionadas na Paraíba

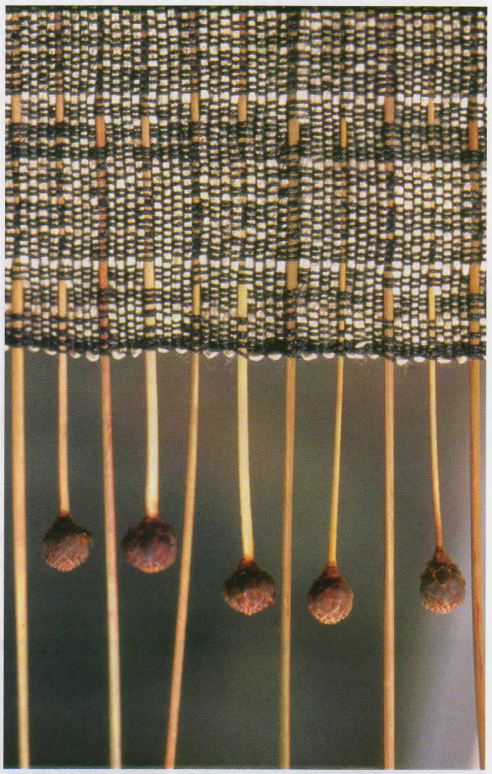
O valor do simples

Adélia frisa que não escreveu o livro para especialistas. "Ele é direcionado a todas as pessoas que gostam de se cercar de objetos significativos em seu cotidiano", conta a autora, que, com quase três décadas de pesquisas, vem se tornando uma das principais referências quando o assunto é *design* brasileiro. Apesar de o livro não ser destinado apenas a *experts* da criação estética, tornou-se um guia completo, que traz um amplo levantamento histórico e informações técnicas e teóricas precisas, fazendo uma longa análise da aproximação entre os campos do *design* e do artesanato, até pouco tempo vistos como radicalmente opostos no Brasil. "Está havendo uma verdadeira revolução silenciosa na revitalização de objetos país afora, em que a inovação surge a partir das tradições locais. Além de gerar objetos bonitos, essas experiências estão levando a um aumento na renda dos artesãos. Eles não precisam mais migrar para as cidades grandes para ter qualidade de vida, podem permanecer em suas comunidades", afirma a autora.

A lista de exemplos do bom artesanato brasileiro, que nos últimos anos aprimorou suas qualidades técnica e estética, é extensa: os tapetes feitos com nozinhos de tecidos da Coopa-Roca (Cooperativa de Trabalho Artesanal e de Costura da Rocinha – RJ), cujo avesso passou a ser tão bonito como o lado de cima; os barquinhos de Miriti, no Pará, com mastros que passaram a ser retiráveis para prevenir quebras no transporte; os bonecos de pano de Esperança, na Paraíba, inspirados em personagens da cultura brasileira, como Lampião e Maria Bonita.

A autora sempre estranhou a cisão entre o *design* e o artesanato no Brasil. Por isso promoveu, já em 1989, na revista *Design & Interiores* (a primeira publicação especializada em *design* gráfico, de produtos e de interiores no país), um debate sobre identidade cultural no *design* brasileiro. E esta tem sido uma preocupação marcante em todo o seu percurso profissional, tanto nos textos publicados na imprensa e em mais de uma dezena de livros quanto à frente de iniciativas sempre inovadoras: a ousada direção que trouxe novos ares ao Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, entre 2003 e 2007; a coordenação do projeto conceitual do Pavilhão das Culturas Brasileiras, no Parque do Ibirapuera, em 2008; e a curadoria da Bienal Brasileira de Design, em 2010. ▶

Imagens do livro *Design+ Artesanato – O Caminho Brasileiro*



Acima, a inovação de tecer algodão junto com as fibras vegetais encontradas na região de Muquém. **Abaixo**, crochê de tiras de couro da cooperativa de trabalho artesanal Coopa-Roca, instalada na comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro

Melhorias na qualificação

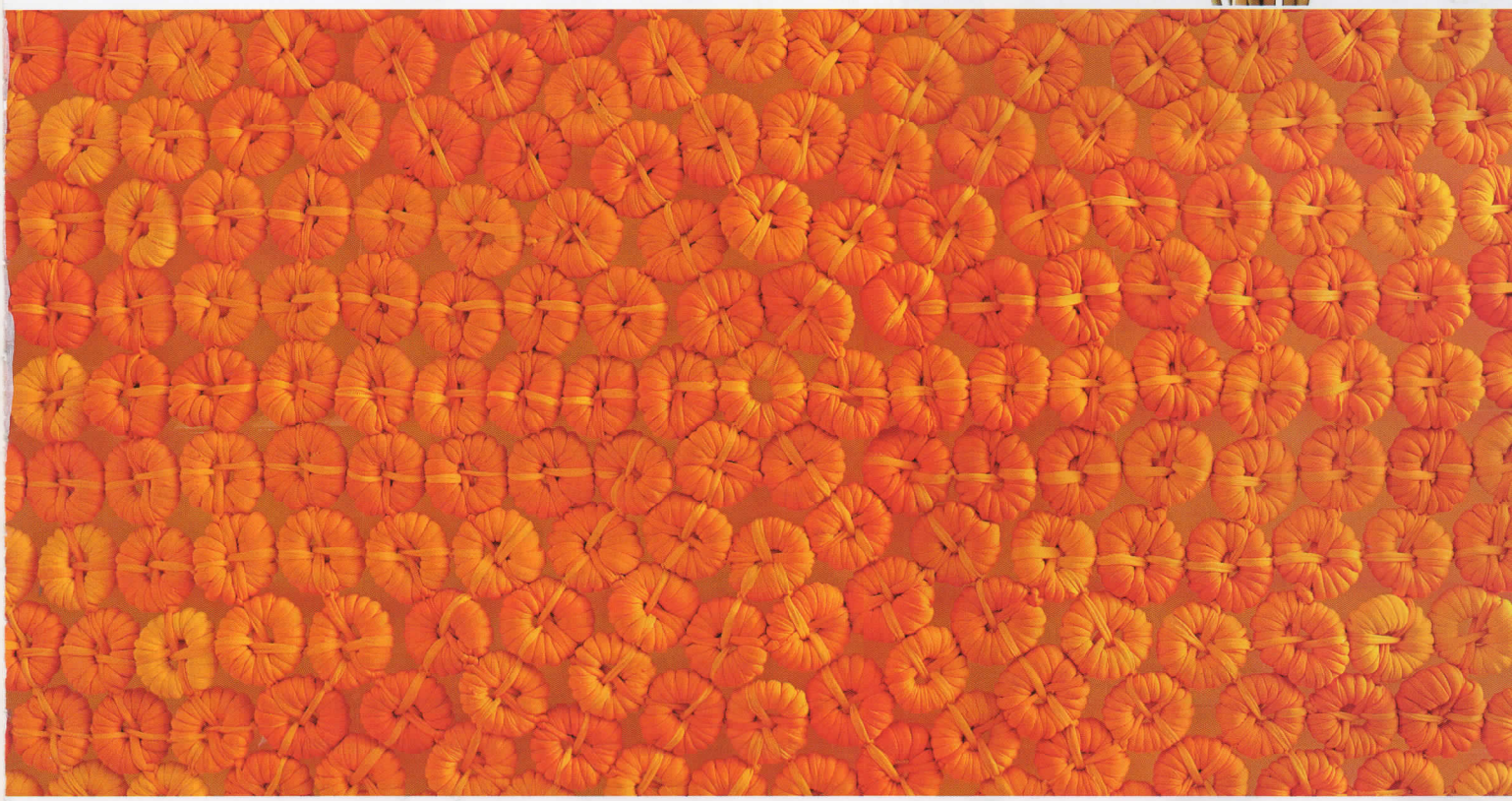
Um fator decisivo para a recente revitalização da produção popular foi a aproximação de *designers* e outros profissionais, por iniciativa própria ou apoiados por instituições diversas, que promoveram oficinas de requalificação técnica nas comunidades produtoras de artesanato. As iniciativas de maior sucesso foram aquelas em que o conhecimento original dos artesãos foi respeitado, acrescendo-se a ele inovações tecnológicas, logísticas ou de projeto. Adélia explica que não teve a intenção de criar um receituário para o setor, já que diferentes situações exigem diferentes respostas. Mas o livro apresenta, de forma aprofundada e bem organizada, os detalhes destas ações a partir de eixos de atuação, como melhoria das condições técnicas, exploração das potencialidades dos materiais locais, aprofundamento da identidade e diversidade e construção de marcas.

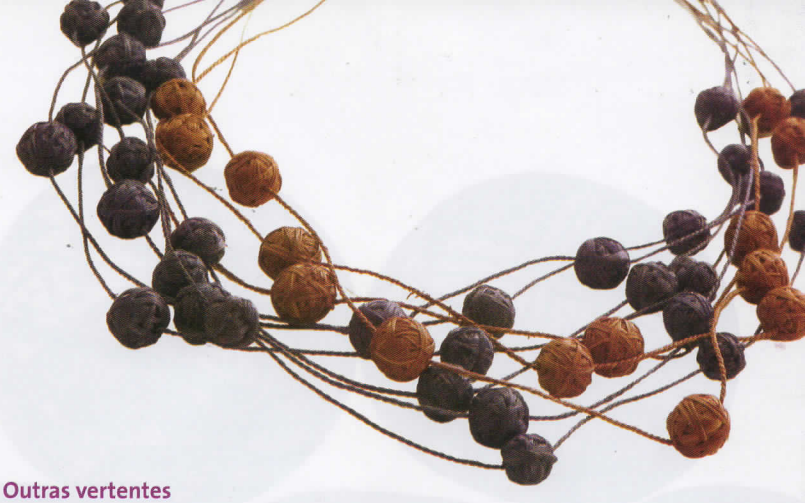
A obra também traça um histórico de como se deram as relações entre o industrial e o artesanal no país. O início do ensino do *design* no Brasil ocorre com base na ruptura entre os dois campos, com a fundação da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), em 1963, no Rio de Janeiro. A escola traz ao país o pensamento racionalista que marcou a produção do *design* europeu no pós-guerra. Não se pode negar os benefícios da Esdi, afirma Adélia, entre eles a promoção da autonomia da disciplina Design e o avanço tecnológico. Entretanto, a criação de objetos assépticos e puros passou a ser uma camisa de força para a criatividade das primeiras gerações de *designers*.

Para virar este jogo, algumas figuras foram fundamentais. Entre elas, a italiana naturalizada brasileira Lina Bo Bardi, que apostou na cultura genuína nacional como mola propulsora de suas criações em arquitetura e *design*; e o pernambucano Aloisio Magalhães, que constituiu, em 1975, o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), promotor de pesquisas e levantamentos sobre as riquezas materiais e imateriais da cultura brasileira. Outra reviravolta se deu na década de 1980, quando o *designer* carioca Renato Imbroisi realizou extenso trabalho com as tecelãs do povoado de Muquém (MG), onde o artesanato genuíno estava desaparecendo. Foram incorporados à produção jogos americanos, xales, sacolas, acabamento com sementes locais, palha de milho (anteriormente jogada fora) na trama do algodão e crochês figurativos. ▶

Imagens do livro *Design+ Artesanato – O Caminho Brasileiro*

Acima, grafismos em cuias feitos pelas artesãs de Santarém, no Pará, e buquê de flores cerâmicas: o projeto envolveu muitos testes com esmaltes até chegar ao resultado desejado. **Abaixo**, o tapete Broinha, de Claudia Araújo e da Associação das Tecelãs de Caldas: peça vencedora do prêmio iF 2011, na Alemanha





Acima, bordado realizado pelas artesãs do Instituto Cultural Antônia Dumont, em Pirapora, Minas Gerais. **Abaixo**, a mesa Mandala, projetada por Claudia Moreira Salles e editada pela Casa 21, que tem tampo de palha trançada em Parnaíba, no Piauí. **No topo**, colares de fibra tucum com tinta natural, confeccionados em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas

Outras vertentes

A partir dos anos 1990, ganharam força iniciativas com foco no empreendedorismo. Em Ouro Preto, por exemplo, a gaúcha Heloísa Crocco promoveu oficinas que resultaram na incorporação de formas barrocas às peças de pedra-sabão, que anteriormente vinham sendo feitas com motivos estranhos à cultura local, como gnomos, pirâmides e símbolos maias. Destacam-se também projetos como o Programa Sebrae de Artesanato e o Programa Artesanato Solidário. Exemplos não faltam: a revitalização do uso de corantes naturais no tingimento de matérias-primas empreendida por Eber Ferreira e Hisako Kawakami em vários estados; a atuação da família Dumont, que extrapolou os limites de Pirapora (MG) para formar bordadeiras em todo o país; as inúmeras exposições realizadas pela arquiteta e curadora Janete Costa; entre muitos outros.

Outra vertente importante tem sido a incorporação do artesanato à produção do *design* contemporâneo. O tampo da mesa Mandala, de Claudia Moreira Salles, é feito de palha trançada do Piauí; e o assento da poltrona Multidão, dos irmãos Campana, foi inteiramente coberto com bonecas de pano da Paraíba. "O *design* brasileiro está em alta no mundo hoje, somos a bola da vez. Tenho dado muitas palestras no exterior, e o aspecto que mais vem chamando a atenção do público é a união entre artesanato e *design*", conta Adélia. Ela explica que, na Europa e nos Estados Unidos, e mesmo em outros países do hemisfério sul, como a Austrália, o artesanato é atividade individual, de pessoas que muitas vezes foram à universidade para aprender determinada técnica. No Brasil, há esta peculiaridade: trata-se de um trabalho feito por grupos coletivos, familiares ou vizinhos, que produzem em série.

"Como consumidores, acho que temos de atentar cada vez mais para a procedência dos produtos que consumimos. Há produtos feitos com mão de obra infantil ou por trabalhadores em condição sub-humana. E há aqueles que dignificam a vida. Os artesanais são assim. E sua produção está em sintonia com todos os preceitos do desenvolvimento sustentável", afirma Adélia. Em sua visão, o objeto artesanal surge como contraponto em um mundo cada vez mais massificado e impessoal. Tem esta dimensão simbólica: no lugar da padronização, oferece aos consumidores a beleza da unicidade, o conforto da memória e a riqueza das culturas genuínas. □

Imagens do livro *Design+Artesanato – O Caminho Brasileiro*